

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: ESTRATÉGIA DE CONVIVÊNCIA AFETIVA E DE APRENDIZAGEM

Michele Kaufmann^{*}

Maria Preis Welter^{**}

Resumo: Este artigo foi desenvolvido a partir do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia e aborda sobre a “literatura infantil: estratégia de convivência afetiva e de aprendizagem”. O trabalho teve como principal objetivo a realização de um estudo referente à literatura e sua relação com a afetividade na família e na escola. A contação de histórias traz para o ouvinte emoções e sentimentos, através dos personagens, e quem as conta revela o lado afetivo para com o outro. Tanto no contador como no ouvinte transbordam e afloram sentimentos diversos através das histórias dos personagens. Por vezes, identificam-se com a bondade da princesa, outras pela raiva da bruxa, ou ainda pela coragem do príncipe. Através das histórias, as crianças conseguem entender melhor o mundo a sua volta e a complexidade do seu inconsciente.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem. Escola. Família. Histórias.

Introdução

Em tempos de inovações tecnológicas e do uso de novas ferramentas didáticas no contexto educacional, imaginar é ainda algo extremamente relevante para uma infância mais saudável. Todos nós gostamos de sonhar e nos imaginar em um mundo melhor. Neste contexto as histórias infantis são de fundamental importância, onde um mundo mágico transborda de significativas aprendizagens.

O presente estudo apresenta como tema 'A arte de contar e ouvir histórias: Estratégia de convivência afetiva e de aprendizagem'. Esse estudo tem como objetivo geral reconhecer a literatura como estratégia de convivência afetiva e de aprendizagem e como objetivos específicos: desenvolver a afetividade através da literatura infantil; sensibilizar os pais para

^{*} Licenciada em Pedagogia pela FAI – Faculdades de Itapiranga. e-mail: mica.kaufmann@hotmail.com

^{**} Professora e Orientadora da FAI Faculdades de Itapiranga-SC. Mestre em Educação pela UNISUL. E-mail: pedagogia@seifai.edu.br

dedicar tempo na troca de afetividade, através do maravilhoso mundo das histórias; identificar a importância das histórias reais vividas pelos próprios contadores; compreender que o real e o imaginário estão constantemente presentes em nossa vida; reconhecer o desenvolvimento da emoção através da identificação com os personagens das histórias; identificar a importância da família na contação de histórias; buscar futuras resoluções de problemas/conflitos infantis, através das histórias; contribuir para que os professores repensem a utilização da literatura infantil em suas aulas; incentivar a utilização da literatura infantil de uma maneira prazerosa na prática pedagógica; fornecer informações e enredos, buscar ampliar o mundo mágico das crianças, alimentar suas brincadeiras, instigá-las na curiosidade, na fantasia e na imaginação; utilizar a literatura fornecendo subsídios para que a criança possa enriquecer o seu vocabulário, passando a expressar suas ideias e emoções de forma mais elaborada.

A pesquisa de campo deu-se através de visitação a casa de seis famílias dos alunos da Escola Municipal Peperi Guaçu, interior do Município de Itapiranga-SC. Os pais visitados responderam as perguntas e fizeram as suas colocações referente ao tema abordado. Ao efetuar a coleta e análise de dados da pesquisa, utilizamos o método da pesquisa qualitativa.

Segundo Rampazzo (2008), a pesquisa qualitativa abriga correntes de pesquisa muito diferentes, que em seus pressupostos se contrapõem no modelo quantitativo. A base da pesquisa qualitativa se configura na fenomenologia e na dialética.

Com as palavras do autor pode-se destacar que é preciso analisar todos os aspectos quando se trata desse tipo de pesquisa. A fala, o silêncio, a entonação da voz, a expressão corporal, entre outros. Esse tipo de pesquisa lida diretamente com o ser humano e suas emoções.

Torna-se fundamental reconhecer a criança, o educador, o pai e a mãe, enfim, a família como seres que vivem para a convivência afetiva. Também se faz necessário reconhecer a corresponsabilidade na educação. A tomada de consciência dessa responsabilidade requer o desenvolvimento da sensibilidade.

Contar história é uma arte, e quem pratica esta arte está se mostrando um ser afetivo para com o ouvinte. Segundo Busatto (2011), o contador de histórias nos faz sonhar, porque ele consegue parar o tempo e nos apresentar um novo tempo. Toda criança gosta de ser apresentada a esse novo tempo e, é por isso que quem conta histórias, automaticamente inspira afetividade para o ouvinte. Através dos livros as crianças percebem que todos somos diferentes e que passamos por situações diversas.

1 Desenvolvimento

A imaginação é mais importante que o conhecimento. (Albert Einstein)

Ouvir Histórias é extremamente prazeroso para a criança. Ela consegue se desligar totalmente do mundo material e entra em um mundo do faz de conta, onde cria e instiga a sua imaginação, criando assim possibilidades e vivências diferentes.

Coelho (1984) expressa que ouvir história é embarcar em uma aventura, onde a diversão é garantida, é poder conhecer outros lugares, outras pessoas, outras situações.

Ainda Coelho (1984) assinala que, o ato de contar e ouvir histórias pode ser decisivo na formação da criança em relação a si mesma e ao mundo a sua volta. Os atos que dividem as personagens em boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas facilitam à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou do convívio social.

Seguindo o ponto de vista do autor, pode-se destacar que a história aquietar serena, prende a atenção, informa, socializa, educa.

A criança que ouve histórias, automaticamente tem uma vida mais feliz. Ela sonha, imagina, vive. As histórias não são somente irreais, elas ensinam que tudo é possível, e que no final tudo sempre dará certo. Em um mundo cada vez mais competitivo, acreditar em contos de fadas é algo maravilhoso para as crianças, assim aprendem valores que estão sendo perdidos em uma sociedade tão injusta e carente de carinho. Valores como o casamento, a fidelidade, a ética, a solidariedade, o companheirismo e a amizade precisam ser reestruturados na vida dos alunos e repensados na nossa própria existência.

Busatto (2003) escreve que um conto nunca vai provocar o mesmo efeito nas diversas pessoas que as ouvem. É a história de vida de cada um que determinará com que cores e com que música ela vai soar. Uma princesa citada num conto jamais será a mesma personagem para as diferentes pessoas que estiverem ouvindo esse conto. A minha princesa anda e fala como eu imaginar, pois esta determinante só compete a mim. As florestas em que Chapeuzinho Vermelho encontra o lobo podem ter as mesmas flores azuis e amarelas descritas pela narrativa, porém a luz que o sol lança sobre as árvores vai provocar uma luminosidade única para cada pessoa, e assim a história também será única para cada um que ouvi-la.

Se mergulhar no universo dos livros é fascinante para nós adultos, quem dirá para as crianças, a qual constrói deliberadamente um mundo onde tudo é possível. Ao contar

uma história para ela estaremos lhe oferecendo um alimento raro, pois iremos colaborar para que seu universo seja mais rico. Também seremos úteis à imaginação e a fantasia, pois cada vez que contamos uma história perpetuamos a existência dos seres fantásticos, lhe damos vida e espaço para que se manifestem e encantem o nosso mundo (BUSATTO, 2003, p. 34).

Contar histórias está direta e indiretamente interligado à afetividade, considerando que somos seres que precisamos uns dos outros para, assim, termos uma vida mais feliz. Ninguém consegue viver totalmente sozinho isolado ou então sem ter sonhos.

A afetividade é a mistura de todos os sentimentos, e aprender a cuidar adequadamente de todas essas emoções é que vai proporcionar ao sujeito uma vida emocional plena e equilibrada.

Para Sabino (2012) o afeto é uma dimensão do viver humano. O homem, ao evoluir como ser humano nas sociedades, vai construindo sua afetividade a partir das vinculações interpessoais, através de encontros e desencontros entre pessoas. Não é possível pensar em afeto sem pensar em vínculos e relações entre os seres humanos de todas as idades, classes sociais... em todas as épocas da história.

Quando o professor demonstra o seu lado afetivo, automaticamente o aluno se sente mais capaz de realizar determinada atividade. Percebe-se, assim, uma relação de ajuda mútua, mostrando que o professor não é superior, apenas está ali para mediar o conhecimento.

Em contraposição aos contos de fada, e as histórias descritas em livros, merecem um destaque especial à história vivida, aquela em que personagens e contador se misturam, e tornam-se uma única pessoa.

A história de si mesmo e dos nossos familiares também é uma narrativa. Pode não ser um conto de fadas, ou uma história épica, mas é a história da nossa vida, o que é extremamente importante para cada um de nós. Muitos pais não tem como comprar livros para seus filhos, mas às vezes, mesmo sem se dar conta, narram uma história fantástica para as crianças. Histórias de como era a infância há vinte, ou trinta anos atrás.

Escutar uma história de vida é maravilhoso, tanto para o contador quanto para o ouvinte. Para quem conta é a oportunidade de ver os acontecimentos sob outra perspectiva e dar outro significado, mais amplo, mais generoso, mais completo. Para quem escuta é a oportunidade de, através das experiências do outro, poder ampliar a visão das possíveis experiências a serem vividas, além de ser um momento em que podemos nos maravilhar e encantar.

2 Resultados

Esse artigo teve um embasamento prático, com a coleta de dados, que foi desenvolvida através de visitas nas casas de seis famílias dos alunos da Educação Infantil da Escola Municipal Peperi Guaçu, interior do Município de Itapiranga-SC.

Primeiramente contava-se uma história para a criança e após a realização de um diálogo com as mães. Sendo que neste momento a criança representava a história através de um desenho. A criança levava o livro para casa dentro da mala da leitura, trazendo-o de volta para a escola somente no dia seguinte, possibilitado assim que a mãe e o pai também fizessem a leitura da história.

Contar histórias para os filhos, sem dúvida, é algo extremamente relevante para a vida dessas crianças. Embarcar no mundo da imaginação, embalados pela voz do pai ou da mãe, é algo que não tem preço.

Questionaram-se as famílias visitadas sobre a frequência com que costumam contar histórias para seus filhos. Todas as mães relataram que costumam contar histórias, porém umas com maior frequência, e outras não apresentam esse hábito diariamente.

A mãe A relatou que tem por hábito contar histórias para seu filho pelo menos uma vez por semana. A mãe B também conta histórias, porém só nos finais de semana, é quando tem mais tempo livre para seus filhos.

Em contraponto a mãe C relata que tem como hábito contar histórias todas as noites. Sua filha sempre pede para ouvir uma história antes de dormir. A mãe D também colocou que tem esse hábito diário. A mãe E contou que: *“quando o filho traz livros da escola para casa sempre contamos para ele. O meu filho gosta bastante de livros, todos os dias ele pede para a irmã dele, ou até mesmo para nós pais, lermos um”*.

A mãe F colocou que também faz a contação de histórias para o seu filho, porém isso não acontece todos os dias.

As maiores das mães entrevistadas colocaram que os livros preferidos de seus filhos são os que envolvem animais e fazenda, concluíram que essa preferência se deve ao fato de residirem na zona rural e assim os filhos terem contato com essa realidade.

Além dos animais, os livros que encantam as crianças, segundo a opinião dos pais, são os contos de fada. Para Bettelheim (1980) as histórias de fada não pretendem descrever o mundo tal como ele é, nem aconselham o que alguém deve fazer. O conto de fadas é

terapêutico porque a criança encontra sua própria solução através da contemplação do que a história parece implicar acerca de seus conflitos internos.

Para Martins (2010) seres como ogros, bruxas, fadas e até vampiros e lobisomens integram o rol de criaturas que têm a existência justificada pela necessidade atávica do ser humano de contar e ouvir histórias, sobretudo para compreender e se apropriar do mundo a sua volta.

Somente a mãe B colocou que *“ele adora ouvir histórias da bíblia para crianças. Prefere histórias que trazem uma moral no final, propriamente ditas, as fábulas”*.

Atualmente se perdeu muito da contação de histórias que passa de geração em geração através da fala. Histórias com personagens reais e que foram vividas pelos próprios contadores é um tipo de narração de extrema importância, mas que foi se perdendo com o passar dos tempos.

Para Bussato (2011) quando se trabalha com a memória familiar e da comunidade, preserva-se a história e se favorece o desenvolvimento do processo de identidade cultural, bem como o exercício da cidadania, a recuperação dos valores humanos e reconhecimento afetivo e cultural da ancestralidade enquanto origem e base do sujeito.

Com a coleta de dados, observou-se que este tipo de contação está se extinguindo em nossa sociedade. A mãe A coloca que: *“não apresentamos muito esse costume para com o nosso filho. Meu marido é bem fechado e não conta histórias da infância dele, e eu também nunca o fiz”*.

A mãe B relata que nunca havia pensado na importância desse tipo de histórias. Disse que: *“meus filhos nunca perguntaram sobre a infância, e jamais pensei o quanto seria legal contar as histórias de vida, de nós pais, para os nossos filhos. Esta mãe prometeu que irá colocar esse ato em prática para ver qual a reação de seus filhos”*.

A mãe C também afirmou nunca ter contado histórias reais, *“ainda não contei nenhuma história que aconteceu comigo quando criança, porque a filha sempre me pede para contar histórias de princesas. Ela não demonstra interesse em histórias reais que aconteceram com nós”*.

Segundo Bussato (2011), ao acordar as memórias, as emoções vêm juntas. São elas que ativam os sentimentos de quem ouviu essas lembranças. Essa escuta atenta e sensível implica em respeito e reverência ao outro e exercita os valores humanos. Mas, a contemporaneidade rouba o tempo da intimidade. Filhos, sobrinhos e netos raramente se aproximam dos pais, tios e avós para saber de suas histórias, e estes os deixam de fazer. Porém

o ato de narrar coloca os sujeitos, contador e ouvinte, um em companhia do outro. Estabelece cumplicidade ao oportunizar a mais primitiva forma de comunicação. Quem narra se sente vivo e importante, pois a memória não é qualquer coisa morta, inerte, ao contrário, ela é atuante e motiva a vida.

Em contraposição, a mãe D relata que, *“como estudei na mesma escola do filho, sempre conto para ele como era a escola há anos atrás. Afirmo para seu filho que quando era criança e estudava, não tinham tantos livros e tantas coisas boas como se tem agora na escola”*.

A mãe E diz que: *“como trabalhamos na roça, o nosso filho se encanta em ouvir histórias do pai dele. Histórias de cavalos, de boi bravo, e de outros animais selvagens. Adora escutar as histórias de quando o meu marido ia para o mato caçar animais”*.

Também a mãe F ressalta que: *“meu filho é um menino muito curioso e volta e meia pede para nós como era a nossa escola e a casa que morávamos quando crianças. No começo ele apresentava certa dificuldade em entender que tanto eu quanto o pai dele também já fomos crianças um dia. Na cabecinha dele, éramos sempre o ‘pai e a mãe’”*.

Como já citado anteriormente, contar histórias é um ato de afetividade para com a infância. Questionamos, a partir dessa perspectiva, quais as reações dos filhos quando os pais praticam o ato da contação.

Para a mãe A *“ao contar uma história o meu filho apresenta reações de felicidade, pois se sente amado e importante na vida dos pais. Sempre dá o seu ponto de vista na história, mostra assim que é ativo e participativo na família”*.

Nesse sentido Silveira (2013) destaca que a criança ao nascer precisa sentir-se querida, desejada e receber carinho. Todo contato deve ser amoroso. Isso lhe oferece segurança emocional, e esse afeto vai dar suporte durante toda sua existência psíquica. Para que o filho possa se sentir especial, ao longo de toda sua infância, ele precisa de um tempinho junto com os pais.

Ainda para a autora, este tempo seria o tempo de brincar junto com os pais, e principalmente de escutar uma história pela voz do pai ou da mãe.

Seguindo a linha de pensamento da autora, a mãe B diz que: *“sempre quando disponibilizamos um tempinho para os nossos filhos, estes se sentem importantes e queridos por nós pais. Quando contamos uma história eles nos ajudam a contá-la e querem saber de todos os detalhes. Quanto mais extenso for esse momento, mais eles gostam, pois assim sabem que os amamos e que temos tempo para amá-los”*.

Já a mãe F relata que: *“sempre sou eu mãe, que conto as histórias para ele. Mas por vezes ele pede para o pai ler, pois sente falta desse momento com o pai. Porém meu marido não tem esse costume e acha desnecessária essa prática. Sempre diz que é o papel da mãe fazer isso. O nosso filho sempre fica muito feliz quando me escuta lendo, mas percebo que gostaria que o pai fosse mais presente”*.

A fala da mãe F nos chama bastante atenção, pois ainda existem muitos casos, principalmente na zona rural, em que a mãe fica responsável em participar mais ativamente da vida do filho. A cultura enraizada dessas pessoas vê o pai como o homem da casa, aquele que precisa trabalhar e buscar o sustento da família, não aspirando assim pelo afeto, mas sim pelos bens materiais e pelo sustento da casa.

Conclusão

A pesquisa não pode ser concebida como conclusiva. Pois pesquisar é a arte da continuidade. Este estudo teve como objetivo geral reconhecer a arte de contar histórias como uma estratégia de convivência afetiva e de aprendizagem, tanto com autores que abordam sobre o assunto, bem como com os envolvidos na pesquisa de campo.

Para Busatto (2011), pode-se enxergar o contador de histórias como um sujeito diferenciado, que ao manipular as forças invisíveis atua muito próximo da essência, atingindo aquele canto da mente em que tudo é silêncio e cada um se encontra com sua própria alma. E com o total controle de seu corpo, sua voz, afetos e compreensão dos significados do texto que ele narra, o contador de histórias contribui para a transformação interior de seu ouvinte. Algumas vezes restaura o sorriso esquecido, recupera a autoestima e a autoconfiança.

Os objetivos do atual estudo embasaram-se na pesquisa teórica e através da coleta de dados na qual se constatou que, tanto na escola como na família, a arte de contar história é uma excelente estratégia de convivência afetiva e de aprendizagem.

Referencias

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1980.

BUSSATO, Cléo. **Contar e encantar**: Pequenos segredos da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. **O fio da história**: por uma educação pela paz. Curitiba-PR, 2011.

COELHO, Nelly Novais. **A literatura Infantil**: História, teoria, análise. São Paulo: Quirón, 1984.

MARTINS, Geogina. **Literatura infantil e juvenil na prática docente**. Rio de Janeiro, ao livro técnico, 2010.

SABINO, Simone. **O afeto na prática pedagógica e na formação docente**: Uma presença silenciosa. São Paulo: Paulinas, 2012.

SILVEIRA, Carin A.C.M. Primavesi. **Déficit de atenção tem solução**. 2. edição- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

RAMPAZZO, Sônia, Elisete. **Desmistificando a metodologia científica**. Erechim, RS: Habilis, 2008.